

LITERATURA, LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR EM DEBATE ¹

LITERATURE, READING AND READER'S FORMATION UNDER DISCUSSION

LITERATURA, LECTURA Y FORMACIÓN DEL LECTOR EN DISCUSIÓN

Berta Lúcia Tagliari Feba²

Lucila Bassan Zorzato³

As pesquisadoras Alice Áurea Penteado Martha e Vera Teixeira de Aguiar têm uma longa trajetória como docentes e estudiosas da leitura literária e do livro infantil e juvenil. Os muitos trabalhos há anos publicados em parceria — *Territórios da leitura: da literatura aos leitores* (Cultura Acadêmica, 2006); *Diálogos de Sevilha: literatura e leitores* (Nova Prova, 2008); *Conto e reconto: das fontes à invenção* (Cultura Acadêmica, 2012) — ressaltam não apenas o valor do texto literário, como instrumento de emancipação, como descoberta e como fruição estética, mas também destacam o papel do mediador (escola, pais, professores) na formação do leitor literário. Os prêmios recebidos pelas publicações — Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil — e outras menções honrosas auferidas a capítulos escritos para diversas coletâneas revelam, outrossim, a crescente importância de tais estudos para o campo, bem como expressam a seriedade com que as pesquisadoras discutem o tema.

O livro *Literatura infantil e juvenil: leituras plurais* vem expandir tal reflexão compondo-se por uma apresentação de Vera Teixeira de Aguiar e por dezessete artigos que discorrem acerca de variadas temáticas, tais como são diversas as possibilidades interpretativas dos textos literários analisados pelos pesquisadores. De modo a expor uma

¹ Resenha livre da obra AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteado. *Literatura infantil e juvenil: leituras plurais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. 260 p.

² Doutora em Letras. Tem como linhas de pesquisa: literatura infantil e juvenil, literatura e ensino e formação de professores. E-mail: berta.tagliari@gmail.com

³ Doutora em Letras. Tem como principal linha de pesquisa a produção e a circulação da Literatura Infantil e Juvenil de Língua Alemã no Brasil. E-mail: lucilabzorzato@gmail.com.

leitura do livro aqui resenhado, reunimos algumas perspectivas de análise tomadas pelos autores.

Um desses prismas busca exprimir o percurso de construção do texto literário, como é o objetivo de Clarice Lottermann, em "Com sua voz de mulher, Marina Colasanti cria um tigre de papel", e de Tania M. N. de Lima Camara, em "*O fio da palavra: a prosa poética de Bartolomeu Campos de Queirós*".

Lotterman verifica que Marina Colasanti é uma escritora que tece comentários a respeito de seu próprio fazer literário. Nos contos "Com sua voz de mulher" e "Um tigre de papel" o maravilhoso é responsável por criar personagens e situações que levam os leitores a pensar e a se relacionar com seu cotidiano de um modo novo, tudo colaborando para a expressão de suas emoções. Assim, está em questão no primeiro conto a importância do contar e do ouvir histórias para se viver alegremente e, no segundo, o debate diz respeito ao poder da criação artística, ou seja, à ligação entre o escritor-criador e a personagem-criatura que passa a ter vida.

O jogo metalinguístico também é explorado por Bartolomeu Campos de Queirós em *O fio da palavra*, livro no qual, de acordo com Camara, o recurso recorrente à memória torna tênue a linha que separa o discurso do que foi vivido pelo escritor daquilo que é imaginação. Como resultado, narra-se uma história na qual se fazem presentes o sonho, a realidade, a infância, a vida, a morte, em um texto metafórico e poético.

Outra perspectiva de compreensão dos livros publicados para crianças e jovens está relacionada às funções do texto literário: fazer sonhar, conhecer e estabelecer formas de se articular com o mundo. Neste sentido, Alice Áurea Penteado Martha, através da leitura de *Ordem, seu lugar, sem rir, sem falar*, de Leusa Araujo, possibilita ao jovem leitor entrar em contato com um importante momento da história recente do Brasil: os anos de ditadura militar. A obra incorpora na própria estrutura — ambientação, linguagem, voz narrativa — elementos que metaforizam a violência característica do período. Traz à tona, com isso, uma realidade bastante particular e expressiva.

A leitura de narrativas juvenis contemporâneas como fonte de reflexão sobre o homem e a vida em sociedade é também explorada por José Nicolau Gregorin Filho. A partir da obra *Jardim do céu*, de Rodrigues Filho, Gregorin ressalta como o leitor, inserido em diversos espaços — geográfico, social, cultural, literário — pode compreender o universo que o cerca e, mais que isso, transformar-se diante dele.

Em alguns casos, o tema é a chave interpretativa da obra. A temática da violência, por exemplo, tantas vezes comum à realidade do jovem na atualidade, é o viés de análise adotado por Zila Letícia Pereira Rego em duas narrativas: *Buracos*, de Louis Sachar, e *Clóvis, a história de um menino mau*, de Miguel de Almeida. Ambientadas em diferentes contextos, norte-americano e brasileiro, a violência assume forma e densidade específicas – para entreter e humanizar. Diferença capaz de pontuar não apenas o tratamento dado ao texto (originalidade, estética), mas a experiência da leitura literária, dotada de verticalização, significação, prazer e saberes singulares.

Em *Mururu no Amazonas*, de Flávio Lins Silva, Maria Teresa Gonçalves Pereira destaca que a leitura literária abre múltiplas possibilidades de descoberta para a vida. Pode refletir a partir de um universo particular — a Amazônia, sua paisagem e sua cultura —, sentimentos universais: o cotidiano do jovem, o crescimento pessoal, a descoberta do amor. O trabalho poético com a linguagem e a temática têm, nesse caso, a força de proporcionar ao leitor conhecimento de mundo e de si próprio.

As narrativas contemporâneas falam ao leitor jovem de diferentes modos: por meio do verbal, do não verbal e/ou do virtual. É assim que na obra *P.S. Beijei*, das escritoras Adriana Falcão e Mariana Veríssimo, Diógenes Buenos Aires de Carvalho evidencia novos protocolos de leitura, resultado do diálogo entre a literatura e a tecnologia. A narrativa, inovando na estrutura e na linguagem, representa o novo cotidiano do público leitor: o virtual, à medida que, para a construção do enredo, atualiza o gênero epistolar fazendo uso de e-mails trocados pelas personagens. Assim, o tema do primeiro beijo é abordado em um texto de caráter híbrido, porque o suporte impresso do livro apropria-se de mecanismos do universo virtual para a composição narrativa.

O diálogo entre linguagens também se nota nos artigos de Rosa Maria Cuba Riche e Rosane Cardoso. Em "*Oliver Twist: de quadro a quadro*", Riche analisa como se realiza a transposição do texto literário do escritor inglês Charles Dickens para o gênero quadrinhos, verificando quais recursos são utilizados no processo de adaptação — como a fala de personagens, a linguagem, o trágico — e, para isso, traz também contribuições teóricas acerca de concepções de 'reconto', 'adaptação' e 'tradução'.

Cardoso, por sua vez, constata que há muito tempo a literatura e o cinema constroem seus enredos com protagonistas infantis e, para ilustrar sua análise, aproxima o conto *Chapeuzinho Vermelho* do filme *O garoto da bicicleta*, constatando que tanto a menina do capuz vermelho quanto o menino da camiseta vermelha vivenciam a passagem de um

momento da vida para outro, em um processo de emancipação e de percepção de que não podem ser eternamente protegidos pelos adultos.

Algumas obras apostam em um contexto futurístico para seduzir leitores. O enredo pós-apocalíptico de *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins, segundo Deisi Luzia Zanatta e Fabiane Verardi, promove a pronta identificação do leitor jovem ao estabelecer um diálogo com sua realidade. Os personagens, assim, refletem os mesmos sentimentos vivenciados pelos adolescentes – medo, coragem, frustração. Neste caso, é a partir da interação leitor e obra, que não apenas o acesso à leitura se faz possível, como o texto cumpre sua função: entreter e, ao mesmo tempo, tratando de temas complexos como a fome, o autoritarismo, a morte, estimular o senso crítico do público leitor.

As possibilidades de leituras, como se observa, são muitas; em todas elas, contudo, é necessário que o livro fale ao leitor, seja por meio da linguagem, do contexto, dos personagens ou mesmo da representação da leitura. Nesse sentido, Luzmara Curcino propõe um olhar mais atento às redes de sociabilidades virtuais de leitura. Trata-se de blogs e comunidades de leitores, criados pelos jovens, de forma espontânea, a partir de um objeto comum: o interesse pela leitura. Redes que revelam, como resultado de uma troca espontânea e informal entre os jovens, gostos e práticas de leituras, e podem contribuir para a formação de leitores ao serem incorporados na escola.

O diálogo (ou sua inexistência) entre a leitura guiada e a leitura livre, de que são exemplos as redes de sociabilidades virtuais, é uma das balizas que marca a relação entre a escola e seu compromisso em formar leitores. Assim, Cláudio Mello resgata as muitas tensões existentes na prática de ensino da literatura até a atualidade, atentando para o desenvolvimento de um gênero específico, a literatura juvenil, bem como sua atuação junto ao leitor jovem.

Os caminhos percorridos pelos sujeitos para se formarem como leitores podem ser diversos. Thiago Alves Valente e Eliane Ap. Galvão Ribeiro Ferreira apresentam a trajetória de Monteiro Lobato e indícios de seu comportamento leitor que podem ter contribuído para sua profissionalização como escritor. Durante a infância, seu contato com a biblioteca do avô, a vivência em uma família de leitores e o valor simbólico atribuído ao livro são chave para que, na adolescência, inicie sua produção escrita, apresentando-se audacioso e autêntico ao publicar artigos em jornais. Quando adulto, Lobato, um escritor profissional, trabalha como "homem de ação e de livros" (p. 228), preparando leitores por meio de seus textos ficcionais ou jornalísticos. Seu repertório, portanto, proporcionou desenvoltura para

criar materiais críticos, capazes de questionar conhecimentos e posicionamentos, assegurou acesso à cultura literária por meio de adaptações e traduções e, ainda, projetou uma obra infantil aclamada na época e perpetuada pela estética.

Desse modo, enfim, o livro *Literatura infantil e juvenil: leituras plurais*, como quer o subtítulo, cumpre seu papel de fomentar uma pluralidade de leituras dos textos literários da literatura infantil e juvenil selecionados pelos pesquisadores, assim como de semear uma multiplicidade de abordagens de vertentes teóricas e estudos da leitura literária e da formação do leitor. O livro, portanto, pode ser lido por professores e estudiosos da área que, à semelhança dos pesquisadores citados, tenham como ideal a formação de leitores e apreciem as nuances que envolvem tal processo.

Recebido em outubro de 2015.

Aprovado em novembro de 2015.